LUIZ FRANCISCO REBELLO

TODO O TEATRO

Introdução de JOSÉ OLIVEIRA BARATA

BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES

LUIZ FRANCISCO REBELLO

TODO O TEATRO

Introdução de JOSÉ OLIVEIRA BARATA

UNIVERSIDADE DE LISBOA
BIBLIOTECA
FACULDADE DE LETRAS

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

7

OS PÁSSAROS DE ASAS CORTADAS

OS PÁSSAROS DE ASAS CORTADAS

peça em dois actos e 1 epílogo

[1958]

PERSONAGENS

ELSA
CECÍLIA
BEBÉ
LUÍSA

EDUARDO
RODRIGO
FREDERICO
MANUEL JERÓNIMO
FRANCISCO
ZÉ CARLOS
NECAS

Lisboa, hoje.

PRIMEIRO ACTO

Amplo living-room *em casa de uma família rica. A cena está dividida em dois planos: no do F., sobre-elevado e em forma de semi-círculo, haverá, da E. para a D., sucessivamente, uma porta comunicando para um vestíbulo (por onde se fará o movimento das personagens que vão para ou vêm do exterior), uma grande janela, e uma escada que conduz aos aposentos principais. Uma porta abre para o patamar dessa escada. No primeiro plano, à extrema E., uma porta para o interior.*

Decoração modernissima, dos móveis aos cortinados e aos quadros nas paredes.

(Quando o pano sobe, estão em cena três rapazes de idades oscilando entre os 20 e os 25 anos — Rodrigo, Zé Carlos e Necas — jogando o poker *em torno de uma mesa, no segundo plano, e duas raparigas, Elsa e Bebé, no primeiro plano. Bebé, que terá 19 ou 20 anos, negligentemente estirada num* maple, *folheia uma revista ilustrada e fuma; Elsa, cinco ou seis anos mais velha, sentada no chão junto de um* pick-up, *ouve um dos «Concertos Brandeburgueses», de J. S. Bach.)*

RODRIGO *(pondo as cartas na mesa)* — *Full-hand*. E tu?

ZÉ CARLOS *(mesmo jogo)* — *Poker* de noves. Não tem que ver. Ganhei outra vez.

NECAS — Porra! Este gajo está hoje com uma sorte do caraças!

ZÉ CARLOS — Que é que vocês querem? Eu cá sou assim...

BEBÉ *(sem desviar os olhos da revista)* — Feliz ao jogo...

ZÉ CARLOS — Oh filha! Estou-me nas tintas para os amores! *(Mostrando uma ficha)* Isto sim, isto é que conta!

NECAS — És um materialão!

ZÉ CARLOS — Olha quem fala! Dizes isso porque estás a perder. Como se eu não te conhecesse...

BEBÉ — Lá isso... Entre vocês dois, venha o diabo e escolha...

ZÉ CARLOS *(levanta-se e vai junto dela; em tom irónico)* —Querida... *(Dá-lhe um beijo na testa.)* Ainda bem que tu não és o diabo... Assim ao menos sempre tenho mais uma chance...

BEBÉ — Está quieto. Deixa-me ler.

ZÉ CARLOS *(simulando um grande espanto)* — Ah! mas tu sabes ler?!... *(Para os outros, numa exageração cómica.)* Vocês ouviram isto? A Bebé sabe ler!

RODRIGO — É caso para dar a notícia no telejornal!

BEBÉ *(furiosa)* — Engraçadinhos! *(Os outros riem.)*

ELSA — Vocês não são capazes de fazer menos barulho?

NECAS *(a Rodrigo)* — Parece que estamos a incomodar a senhora tua irmã..

RODRIGO — Não lhe ligues. *(Para Zé Carlos.)* Continuamos o jogo ou quê?

ZÉ CARLOS *(indo sentar-se de novo à mesa)* — Quando vocês quiserem. *(De cartas aos outros. Para Elsa.)* Essa chatice demora ainda muito?

ELSA — Descansa. Está quase a acabar.

ZÉ CARLOS — Graças a Deus!

RODRIGO — Abro com duzentos.

NECAS — E eu com trezentos.

ZÉ CARLOS — Vou. *(Para Elsa.)* Não sei como tens paciência para ouvir essa sensaboria. *(Aos outros.)* Quantas cartas?

RODRIGO — Três.

NECAS — Duas.

ZÉ CARLOS *(enquanto distribui as cartas)* — Pois eu, quando vou no carro e a rádio me impinge essas estopadas, mudo logo de posto. É remédio santo.

RODRIGO — Deixa-a em paz. Cada um tem os seus gostos.

NECAS — E os gostos não se discutem. *(Jogando.)* Quinhentos.

ZÉ CARLOS — Quinhentos, dizes tu? *(Pausa.)* Mais mil.

RODRIGO — Ena, ena!

ZÉ CARLOS — Hoje é o meu dia. *(Para Necas)* Mas estás enganado, pá. Eu acho, pelo contrário, que os gostos se discutem.

ELSA — Não tens sorte nenhuma. Eu não estou disposta a discutir contigo.

ZÉ CARLOS — Pois claro... As pessoas que não têm razão é que se recusam a discutir. Essa já é velha.

ELSA — Não se discute com toda a gente.

ZÉ CARLOS — E eu para ti sou toda a gente?

ELSA — Nem isso...

NECAS — Vocês estão hoje muito amáveis um para o outro, caramba!

RODRIGO — Vá, deixem-se de conversas e joguem.

BEBÉ — Quem me dá um cigarro?

RODRIGO *(atira-lhe um maço)* — Toma.

BEBÉ — Obrigadinha. *(Tira um cigarro, acende-o e começa a fumar.)*

ZÉ CARLOS — Sua excelência acordou hoje do avesso. Não se lhe pode dizer nada. E eu se calhar sei porque é...

ELSA — Não sabes coisa nenhuma.

ZÉ CARLOS — Talvez saiba...

ELSA — Deixa-me ouvir isto e não me chateies.

NECAS — Mas vamos lá a saber: a gente está ou não está a jogar?

RODRIGO — O Necas tem razão. Vocês com essa conversa de chacha não nos deixam seguir o jogo. Em quanto é que isto vai?

ZÉ CARLOS — Eu pus mil.

RODRIGO — Ponho mais duzentos.

NECAS — Mais quinhentos. *(Longo assobio de Zé Carlos.)* Não esperavas por esta, hein?

ZÉ CARLOS — Ó filho, se julgas que me assustas... Não sou homem que me fique. Mais outros mil. *(Continuam a jogar, deixando de se ouvir o que dizem.)*

BEBÉ *(que pôs de parte a revista e se aproximou de Elsa)* — Tu desculpa, mas eu acho que o Zé Carlos tem razão. Essa música é boa para os velhos. E depois, que diabo!, é sempre a mesma coisa...

ZÉ CARLOS — E ainda por cima distrai! Não deixa a gente concentrar-se!

ELSA — Coitadinho.... Afinal não passas dum espírito fraco... Muito enganada andava eu a teu respeito!

RODRIGO — Que chatos! Acabem lá com isso.

NECAS — Parecem o cão e o gato.

ZÉ CARLOS — Não se pode dizer nada à menina, que se ofende logo... Mas se fosse uma certa pessoa que eu cá sei, já não refilava ela, não...

ELSA *(parando bruscamente o disco e levantando-se)* — Zé Carlos! Proíbo-te...!

ZÉ CARLOS — Vês, vês... Agora acertei no alvo.

ELSA — Tu sabes até que ponto eu sou camarada... Mas, francamente, há coisas com que não se brinca.

BEBÉ — De que é que vocês estão a falar?

ZÉ CARLOS — São conversas cá entre nós... A Elsa entende-me... Não é verdade, Elsa?

ELSA — Se tu dizes mais uma palavra, Zé Carlos...!